REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

10.º ANNO — VOLUME X — N.º 321

21 DE NOVEMBRO 1887

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Sei perfeitamente que vou faltar aos meus deveres de chronista, não me occupando hoje do assumpto que domina todas as attenções, que é positivamente o assumpto do dia, mas falto aos meus deveres com toda a consciencia e com enorme prazer, e nem a certeza de incorrer no desagrado dos meus caros leitores, me obrigaria a quebrar a linha de conducta que de ha muito me impuz aqui e em toda a parte, e de que até hoje, em boa hora o digo, nunca me afastei um passo, — de não me occupar de politica, de nenhuma qualidade, muito menos ainda da qualidade da que hoje se está para ahi revolvendo, com grande perigo da moralidade publica, conjunctamente com os lodos do porto de Lisboa, cuja remoção ameaçava tão seriamente, diziam, a saude e a hygiene da capital.

Tenho a coragem, vivendo em Lisboa, lendo os jornaes e ouvindo as conversações, que por todas as partes se travam animadas e indignadas, de fugir a esse assumpto que está tanto na ordem do momento, na corrente da actualidade, e lamentando profundamente pelo meu paiz e pelo meu tempo os acontecimentos que se estão dando, cada vez me felicito mais de nunca ter tentado fazer politica, e muito contente comigo vou-me limitando sempre ás minhas modestas chronicas artisticas, litterarias e mundanas.

E como tudo tem compensação n'este mundo, se deixo um assumpto de grandes effeitos e de inexgotavel exploração, tenho outro muito agradavel, muito consolador, muito patriotico, como é, por exemplo, a opera nova de Alfredo Keil.

Apezar do seu nome allemão e de de allemão ser filho, Alfredo Keil é portuguez, é nosso compatriota e tem já por mais de uma vez honrado as artes portuguezas, com o seu brilhante talento de pintor e de musico.

Alfredo Keil é uma das organisações mais excepcionalmente e exclusivamente artisticas que conhecemos.

Ha muitos annos, desde que elle é um artista notavel, que andamos d'elle afastados, mas na nossa mocidade vivemos muito em grande intimidade, e assistimos de perto ao desabrochar das suas brilhantes aptidões, aos ensaios dos seus primeiros vôos para essa gloria que o fascinava.

Filho de um industrial opulento — opulento á força de trabalho e de actividade — e, o que é melhor do que isso, intelligente, Alfredo Keil encontrou sempre em seu pae um protector enthusiasta do artista.

E n'esta parte a biographia de Keil fará o desespero dos seus biographos rhetoricos, que não poderão encaixar nos tempos da sua mocidade o *cliché* de ha tanto feito, das vocações irresistiveis, combatidas violentamente por paes tyrannos, da lucta gigantesca entre a faisca do genio e o bom senso burguez.

O MAESTRO MANUEL INNOCENCIO LIBERATO DOS SANTOS

FALLECIDO EM 11 DO CORRENTE

(Segundo uma photographia)

Alfredo Keil quiz ser artista. — Pois sê artista — disse-lhe com bonhomia seu pae.

E longe de contrariar as suas aspirações, auxiliou-as com toda a sua boa vontade, e pondo á disposição d'elle todos os meios de seguir o seu caminho, de realisar o seu desejo.

Tendo diante de si á escolha todos os caminhos do vasto mundo da arte, Alfredo Keil não se contentou só com um, escolheu dois — o da pintura e o da musica.

E começou a caminhar por ambos, desembaraçadamente, como quem tem a consciencia da propria força, quem tem a segurança de chegar ao fim.

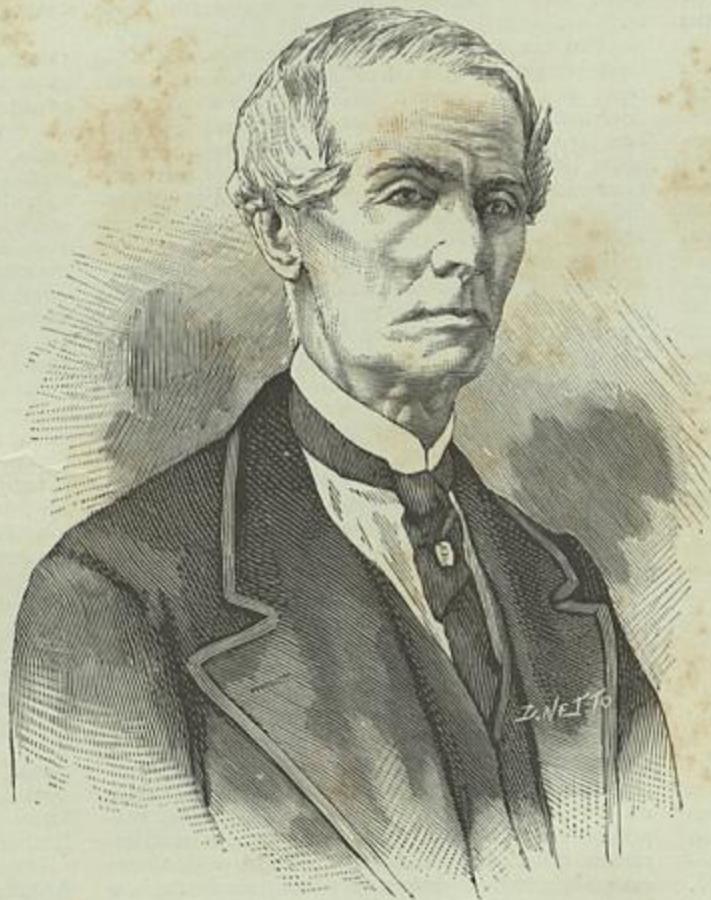
Caminhou rapidamente, andou depressa, e o que elle fez como pintor, dizem-n'o os bellos quadros apresentados em diversas exposições, muitos dos quaes o OCCIDENTE tem reproduzido nas suas paginas — dizem-n'o as medalhas de honra e os premios que recebeu de varios jurys difficeis.

E por ir por um caminho não deixava ao mesmo tempo de ir pelo outro: ao mesmo tempo que pintava, compunha: fazia quadros e fazia musica, e o que é mais notavel, é que progredia n'ambas as coisas, é que se distinguia n'ambas as artes, e que o pintor que de manhã era admirado pelos seus quadros, na Academia, era á noite applaudido maestro pelas suas cantatas e pelas suas symphonias no Colyseu e na Trindade.

Por fim, como não podia deixar de ser, o theatro, com toda a sua ruidosa gloria, com as suas luctas muito mais difficeis, mas tambem com as suas victorias muito mais brilhantes, fascinou-o, dominou-o.

E depois de se ter estreiado na Trindade com uma operetta ligeira, que teve um exito todo musical, porque o *libretto*, longe de salvar o maestro, podia perfeitamente comprommettel-o, depois de ter escripto umas odes symphonicas, as *Orientaes* e a *Patria*, que tiveram um verdadeiro successo artistico, Alfredo Keil, com uma grande coragem, com uma rude tenacidade, abalançou-se a commettimento muito maior — a fazer uma opera.

Uma opera, e que genero de opera!

Audaz, não recuou perante o assumpto, e fo buscar a uma obra portugueza das de maior vulto, á *Dona Branca*, de Garrett, o poema para a sua musica.

E não encarregou a outrem o cuidado de tirar o *libretto* do livro de Garrett. Como Boito, foi o librettista de si proprio.

Estudou profundamente o poema, procurou e viu o drama musical, arrancou-o do livro e deu-lhe a fórma theatral, e depois começou a fazer-lhe musica.

Levou annos n'esse trabalho, fez, refez, cortou, emendou, modificou, ampliou, e sem recuar, nem desanimar, vencendo todas as difficuldades, estudando com todo o escrupulo o seu assumpto, concluiu a sua obra.

Do que ella vale, vae o publico julgar muito breve, porque, como sabem, a *Dona Branca* está já em preparação no theatro de S. Carlos, e subirá á scena nos meiados de janeiro proximo.

Não conhecemos nem uma nota da partitura, não sabemos se é boa ou má. Sabemos que é uma obra longamente meditada, estudada com muito amor, e em que Alfredo Keil pôz todo o seu talento, toda a sua alma, todos os seus recursos.

Pode não ser uma obra notavel—apesar de nos dizerem pessoas que já a conhecem que é notabilissima—mas é com certeza uma obra convicta.

A *Dona Branca*, como facilmente se deprehende do assumpto, é uma peça de grande espectaculo, quasi que uma magica musical, e vae ser posta em scena com um luxo, com um cuidado, com um rigor historico e artistico como ha muitos annos, não se põe em S. Carlos uma opera.

Manini está pintando todas as vistas, que a julgar pelas *maquettes* são deslumbrantes, e serão as maravilhas de toda a sua gloriosa carreira scenographica.

Os costumes são explendidos e toda a opera é posta em scena com uma riqueza enorme, com um luxo phantastico, presidido pelo bom gosto artistico de Keil a quem o ser pintor notavel serve de muito agora, para o effeito theatral do maestro.

Segundo se diz a *mise-en-sene* da *Dona Branca* importa em cerca de doze contos de reis.

Os principaes papeis são desempenhados pela gloriosa cantora Helena Theodorini e pelos dois illustres artistas portuguezes Antonio e Francisco d'Andrade.

Como dissemos na nossa ultima chronica, a Theodorini estreiou-se n'esta epocha em S. Carlos nos *Huguenottes*.

Da opinião da critica de todos os paizes onde ella tem cantado esta opera, na opinião de quem a ouviu ha tres annos em Madrid e ha menos ainda em Sevilha, a Valentina dos *Huguenottes* é uma das melhores creações da Theodorini, ou melhor ainda, a Theodorini é uma das mais brilhantes Valentinas que ha no mundo lyrico contemporaneo.

Na primeira noite, porém, em que este anno se cantou a opera de Meyerbeer, em S. Carlos, não se percebeu muito isso.

O publico não sabemos porque estava distrahido, indifferente ou mesmo quasi que hostil aos cantores: estes mal influenciados pela frieza reservada da platea, e hesitantes por falta d'ensaios da opera, deixaram muito a desejar, e os *Huguenottes* da primeira noite não foram com certeza um fiasco, mas figuram no seu ensemble, entre os *Huguenottes* mais mediocres que se tem ouvido em S. Carlos.

Na noite immediata porém os dois grandes artistas que na primeira tinham sido triviaes—a Theodorini e o Talasac—foram verdadeiramente magnificos e tiveram ruidosa ovação.

Talasac canta magistralmente a parte de Raul: no seu canto não falta uma *nuance* não lhe escapa um *detalhe:* Theodorini com os poderosos recursos do seu enorme talento dramatico deu á Valentina dos *Huguenottes* toda a sua ardente alma d'artista, todo o encanto da sua primorosa arte de comediante e de cantora. E da primeira noite em deante o successo da grande artista nos *Huguenottes* tem ido sempre em enthusiasmo crescendo.

A empreza de S. Carlos, dirigida com a profunda sciencia do assumpto que caracterisa o sr. Campos Valdez, tem este anno variado extraordinariamente os seus espectaculos. Em 14 ou 15 recitas tem-nos dado as seguintes operas—*Fausto, Somnambula, Traviata, Aida, Rigoleto, Huguenottes,* no dia em que escrevemos deve-se cantar a *Lucia,* estão já promptas para subir á scena o *Baile de Mascaras* e a *Gioconda,* e em ensaios a *Dinorah,* a *Lucrezia,* o *Romeu e Julietta,* de Gounod, que pela primeira vez se dá em Lisboa.

Segundo se diz, serão 32 as operas cantadas n'esta epocha em S. Carlos, o que pelo caminho em que vamos já, é perfeitamente acreditavel.

Fechamos hoje a nossa chronica com uma boa noticia que vae alegrar todas as pessoas que conhecerem de perto a pessoa de que se trata.

A sr.ª viscondessa de S. Januario, a gentil e virtuosa esposa do illustre ministro da guerra, entrou já em plena convalescença da gravissima enfermidade que poz em risco os seus preciosos dias.

A sr.ª viscondessa de S. Januario, em seguida a uma febre puerpural que inspirou os mais serios cuidados fôra acommettida por uma pneumonia, que a puzera positivamente ás portas da morte.

Durante oito dias o seu estado foi quasi desesperado e até chegou a espalhar-se em Lisboa, com profunda consternação, a noticia d'um desenlace lugubre d'essa perigosa enfermidade.

Felizmente o boato era falso, a sciencia do medico e a mocidade da enferma, triumpharam da terrivel doença, e hoje podemos noticiar com sincero jubilo, o restabelecimento d'essa illustre senhora tão querida de todos que a conhecem pelas altas qualidades do seu coração e do seu caracter.

Gervasio Lobato.

A FAMILIA REAL NO NORTE DO REINO

V

No dia 3, ás 9 horas da manhã, teve logar no Campo da Regeneração a revista geral á 3.ª brigada mixta do Porto, por el-rei o sr. D. Luiz.

Formaram os regimentos de caçadores 9, infanteria 10 e 18 e os destacamentos de cavallaria e artilheria.

El-rei, acompanhado dos principes D. Carlos e D. Affonso, do ministro da guerra, dos generaes Malaquias e Cyrillo Machado e de um luzido estado maior, passou revista ás tropas, a qual foi egualmente presenceada por Sua Magestade a rainha de uma das janellas do quartel de infanteria 18.

Terminada a revista, a familia real e comitiva dirigiu-se para o reputado atelier da Photographia União, onde foi recebida pelos seus proprietarios os srs. Antonio Correia da Fonseca e D. Miguel Fernandes Ferrer.

Suas Magestades e Altezas depois de admirarem alguns bellos trabalhos expostos no atrio do espaçoso edificio, na sala da recepção e na galeria, seguiram para o atelier onde se photographaram em dez *poses*, sendo: a 1.ª a sr.ª D. Maria Pia; 2.ª, el-rei o sr. D. Luiz; 3.ª, o principe real; 4.ª, o infante D. Affonso; 5.ª, a princeza D. Amelia; 6.ª, o principe da Beira ao collo da ama; 7.ª, o mesmo principe ao collo de sua augusta avó; 8.ª, o referido principe recostado em uma cadeira; 9.ª, um grupo dos membros da familia real; e 10.ª, outro grupo da familia real com a comitiva, abrangendo 17 pessoas.

Todas as chapas foram instantaneas.

Cerca da 1 hora e meia da tarde, Suas Magestades e Altezas seguiram para a Povoa de Varzim, para assistirem á inauguração dos trabalhos do molhe norte da enseada, tomando logar no comboyo diversas auctoridades, engenheiros e outras pessoas.

O comboyo só parou na estação de Villa do Conde, onde estavam a camara municipal, administrador do concelho, juiz, delegados, escrivães e outros funccionarios, bem como uma phylarmonica que executou o hymno real, lançando-se ao mesmo tempo algumas duzias de foguetes.

Na Povoa de Varzim, a familia real foi alvo de uma recepção delirante. Na gare havia immenso povo, e grande numero de senhoras lançavam flôres desfolhadas sobre os regios viajantes, ao mesmo tempo que estrondeavam os foguetes e repicavam os sinos das torres.

Suas Magestades e Altezas entraram em uma das salas da estação, adornada de damasco e flôres e ahi, subindo para um estrado, o presidente da camara leu uma allocução, a que el-rei respondeu, que folgava sempre em visitar as differentes povoações do reino e conhecer das suas necessidades, associando-se portanto com todo o jubilo ao melhoramento que se ia emprehender.

Seguiram-se os cumprimentos das auctoridades e demais pessoas, sendo por essa occasião offerecidas á rainha e á princeza Amelia, pela esposa e cunhada do sr. dr. Figueiredo, um formoso *bouquet* e uma elegante *corbeille* de flôres artificiaes.

As ruas da villa estavam decoradas, tocando em quasi todas ellas bandas marciaes.

A familia real seguiu, no meio de estrondosas acclamações e de nuvens constantes de flôres arremessadas das janellas, para a egreja matriz, onde foi recebida debaixo do palio, ás varas do qual pegavam os vereadores da camara e o administrador do concelho.

Feita uma curta oração, dirigiu-se, sempre victoriada com um enthusiasmo indiscriptivel, para o lado do mar, entrando no pavilhão que se erguia na extremidade do muro da enseada. Achava-se ali collocada uma pedra, com a seguinte inscripção gravada em lettras douradas: «Inauguração dos trabalhos e assentamento da pedra por Sua Magestade el-rei o sr. D. Luiz em 3 de outubro de 1887.»

El-rei lançou um pouco de cimento sobre a referida pedra, que foi deposta no fundo do mar por meio de um guindaste, ouvindo-se ao mesmo tempo um tiro longinquo produzido em uma rocha.

N'esse momento, centenares de barcos de pesca, galhardamente embandeirados, que estacionavam na enseada, seguiram para junto do molhe e ahi as tripulações, agitando as carapuças, ergueram estrepitosos vivas á familia real.

Depois de assignado o auto da solemnidade, Suas Magestades e Altezas, sahindo do pavilhão, junto do qual estavam postadas fileiras de raparigas com os seus trages caracteristicos, as quaes lançavam punhados de flôres, dirigiram-se para o edificio dos paços do concelho, onde se serviu o *lunch*, preparado pelo celebre culinario abbade de Priscos.

Á mesa real tomaram logar o presidente da camara e deputado do circulo, bem como outras auctoridades e pessoas gradas tanto da villa como do Porto.

Terminada a refeição, o abbade de Priscos offereceu á rainha e á princeza Amelia, duas formosas flôres de sêda, executadas por elle.

A familia real seguiu logo para a estação, acompanhada de muitos populares com archotes, e á partida do comboyo as acclamações pareciam não ter fim.

Eram perto das 8 horas da noite quando os regios excursionistas chegaram ao Porto, sendo acompanhados até ao paço pelos empregados do caminho de ferro da Povoa em marcha *aux flambeaux*. No meio da ovação que durante o transito foi feita aos monarchas, el-rei, proximo do palacio, ergueu-se na carruagem e levantou um brinde aos portuenses, que foi correspondido delirantemente. Suas Magestades e Altezas appareceram depois a uma das janellas, continuando então as acclamações, bem como ao ministerio.

Á noite effectuou-se no Club Portuense o baile offerecido á familia real, a qual deu entrada nas salas ás 11 horas. O edificio achava-se exteriormente illuminado e interiormente decorado com bom gosto.

Na primeira quadrilha tomaram parte: el-rei com a sr.ª D. Ritta Wanzeller, vis-à-vis, o sr. dr. Oliveira Monteiro, presidente da camara, com a esposa do sr. presidente do conselho; a rainha com o sr. visconde de Barros Lima, presidente do club, vis-à-vis o principe real com a sr.ª condessa de Castello de Paiva; o infante D. Affonso com a esposa do sr. ministro das obras publicas, vis-à-vis a princeza D. Amelia com o sr. Christiano Wanzeller.

Na segunda quadrilha, a rainha com o sr. presidente do conselho, vis-à-vis o sr. Carlos José da Silva, vice-presidente da Associação Commercial, com a sr.ª D. Maria Henriqueta Viterbo; o principe real com a sr.ª D. Benedicta Rezende, vis-à-vis o sr. Delfim de Lima com a sr.ª D. Carlota Wanzeller; a princeza D. Amelia com o sr. conde do Covo, vis-à-vis o sr. governador civil com a sr.ª D. Maria Thereza Lencastre.

Na terceira quadrilha, a rainha com o sr. ministro das obras publicas, vis-à-vis o sr. presidente da camara com a sr.ª D. Ernestina Navarro; a princeza D. Amelia com o sr. conde de Castello de Paiva, vis-à-vis o sr. Manuel Vieira de Andrade com a sr.ª D. Evangelina Machado; o principe D. Carlos com a sr.ª D. Sophia de Sousa, vis-à-vis o sr. dr. Antonio Maria de Senna com a sr.ª D. Julia de Paiva; o infante D. Affonso com a sr.ª D. Anna Guedes, vis-à-vis o sr. Bernardo Lencastre com a sr.ª D. Laura Cardoso.

Depois de servida a ceia, Suas Magestades e Altezas retiraram-se ás 2 horas da madrugada, tendo recebido as mais affectuosas demonstrações de respeito e sympathia da grande concorrencia de damas e cavalheiros que enchia os salões.

O dia 4 foi o designado para a partida da familia real para Braga.

Antes d'isso, porém, a sr.ª D. Maria Pia, acompanhada da princeza D. Amelia e dos principes, foi ouvir missa á capella de Carlos Alberto, sendo officiante o sr. cardeal D. Americo.

El-rei, com o sr. presidente do conselho, dirigiu-se no entretanto ao bello edificio da Escola Normal, onde estavam, além do corpo docente, o sr. dr. Costa e Almeida, presidente da junta geral do districto; conselheiro José Guilherme Pacheco; Simões Raposo, inspector primario; e outras pessoas.

Sua Magestade percorreu todas as aulas, admirando a sua disposição e material de ensino, viu rapidamente o jardim e subiu ao salão nobre, onde tomou o logar da presidencia.

O sr. dr. Costa e Almeida fez uma resenha dos factos principaes que respeitam á existencia d'aquelle estabelecimento de ensino, o qual custára 137:604$451 réis, sendo 13:195$440 do terreno, 91:858$900 de construcção, 21:910$156 de mobilia, 4:415$362 de material de serviço e réis 6:224$593 de muzeus, laboratorios e bibliothecas.

A despeza de sustentação foi, em 1886, de 10:394$701 réis.

A referida escola, desde a sua installação, em 1882, tem habilitado 121 professores e 161 professoras.

O sr. presidente do conselho, usando da palavra, disse que aquelle estabelecimento dava honra ao paiz e especialmente ao Porto, pelo modo como estava organisado.

Seguidamente o sr. Simões Raposo manifestou a Sua Magestade o reconhecimento de que estava possuido o professorado do Porto, por a familia real se ter dignado assistir ao grande festival da distribuição dos premios no Palacio de Crystal, e entregou a el-rei uma mensagem n'esse sentido.

Antes de se retirar, Sua Magestade escreveu no livro dos visitantes as seguintes palavras: «Foi com um vivo prazer que vi realisado n'este bellissimo estabelecimento o que póde a boa vontade e a dedicação.—El-rei D. Luiz.»

Ao sahir foi muito victoriado, correspondendo todas as pessoas aos vivas erguidos pelo sr. dr. Costa e Almeida.

Sua Magestade dirigiu-se em seguida á Fabrica da Companhia Fiação Portuense, no Campo Vinte e Quatro de Agosto, onde foi recebido pelos corpos gerentes.

Percorreu todas as officinas, uma das quaes, a de fiação, mede uma superficie de 3:200 metros quadrados, e ao presencear ali todo aquelle grande movimento, el-rei exclamou: — Como tudo isto é lindo!

A fabrica não tinha ornamentação alguma, o que se achava perfeitamente compensado pelo asseio e boa ordem que se notavam em todas as dependencias, o que impressionou agradavelmente Sua Magestade, que durante a visita se informou com interesse dos pormenores relativos aos trabalhos que se estavam executando.

A Fabrica Fiação Portuense, fundada em 1863 com 5:000 fusos, conta actualmente cerca de 17:000, empregando 400 operarios.

El-rei escreveu no livro dos visitantes «que via com grande satisfação quanto aquella fabrica havia progredido desde a sua ultima visita», alludindo d'este modo á visita que ali fizera em 1872.

Sendo-lhe em seguida apresentados tres chefes das officinas e tres operarias das mais distinctas, el-rei declarou aos primeiros que os agraciava com o habito de Christo, em premio dos seus serviços, e recommendou ás segundas que se apresentassem no dia seguinte ao sr. governador civil para receberem um premio identico ao que fôra dado ás operarias da Fabrica de Salgueiros, isto é, um cordão de ouro com medalha.

Á sahida foram erguidos repetidos vivas a el-rei, acompanhando a sua carruagem até á rua Fernandes Thomaz, muitos dos operarios da fabrica.

Em commemoração d'esta visita, todos os operarios tiveram feriado, mandando além d'isso a direcção fornecer uma *blouse* a cada um d'elles.

Os membros da imprensa de Lisboa e Porto que acompanhavam a familia real na sua viagem, dirigiram-se ao paço para agradecerem aos monarchas as provas de defferencia e consideração que d'elles tinham recebido, facultando-lhes o meio de assistirem a todas as festas e solemnidades e dando-lhes a honra de formarem parte da régia comitiva.

El-rei, agradecendo estes cumprimentos, mostrou-se egualmente penhorado pelas demonstrações de que tinha sido alvo a familia real por parte da imprensa de Lisboa e Porto e pelo acolhimento affectuoso que tivera principalmente n'esta ultima cidade.

Pouco depois da 1 hora da tarde, os monarchas e os principes, acompanhados dos ministros e comitiva, subiram em direcção á estação de Campanhã, onde estavam as principaes auctoridades, representantes de diversas corporações, officialidade dos corpos e um grande numero de senhoras da primeira sociedade.

Depois da familia real receber os cumprimentos de despedida, o comboyo poz-se em marcha, ás 2 horas menos um quarto, em direcção a Braga, sendo n'esse momento erguidos repetidos vivas pelo sr. presidente da camara e por outras pessoas.

No comboyo tomaram tambem logar os srs. governador civil, general da divisão, commissario geral de policia, empregados superiores do caminho de ferro, representantes da imprensa, etc.

Antes de se retirar, el-rei entregou ao sr. governador civil 1:000$000 réis para serem distribuidos pelos pobres do Porto, Villa do Conde e Povoa de Varzim.

Durante a sua permanencia n'esta cidade a familia real recebeu diversos brindes, entre elles uma collecção de photographias da capella de Carlos Alberto, da casa onde este monarcha falleceu, etc., offerecidas pelos srs. Alberto Rebello Valente Allen e Constantino Joaquim Paes e fez varias acquisições, no numero das quaes se contava um excellente piano, do fabricante portuense o sr. Delerue, com o melhoramento por este inventado para os seus pianos, de afinação permanente.

A viagem do Porto e Braga effectuou-se no meio do acolhimento mais sympathico feito pelos povos da região percorrida aos regios excursionistas.

Na estação da Trofa, elegantemente decorada, o comboyo parou aos sons de uma philarmonica e ao ruido de estrepitosos vivas erguidos pela grande multidão que alli estacionava.

Aguardavam n'esse ponto a familia real, as auctoridades e varias corporações de Santo Thyrso e Guimarães, o pessoal do caminho de ferro de Guimarães, e muitas senhoras.

Suas Magestades e Altezas entraram em uma das salas, convenientemente preparadas, caminhando por entre filas de lavradeiras que lhes lançavam flôres.

Os srs. presidente da camara de Santo Thyrso, deputado Oliveira Pacheco e conde de Margaride, presidente da camara de Guimarães e o presidente da Associação Commercial da mesma cidade, leram allocuções de felicitação, ás quaes el-rei respondeu agradecendo.

N'essa occasião o sr. presidente do conselho apresentou a Sua Magestade o benemerito conde de S. Bento, a quem a villa de Santo Thyrso deve os mais assignalados serviços, taes como uma excellente escola para os dois sexos e um hospital que se está construindo.

El-rei conversou affectuosamente com o generoso titular declarando estimar muito conhecel-o.

Depois d'isto, um pequenito que em março fôra a expensas da sr.ª D. Maria Pia, tratar-se a Paris no instituto de Pasteur, offereceu á augusta princeza um modesto bouquet de flôres artificiaes, com fitas em que se liam as palavras «Raul, de Santo Thyrso — Eterna gratidão».

O comboyo partiu seguido pelas acclamações enthusiasticas do povo, que pouco depois se repetiam com a mesma intensidade em Famalicão onde estavam as auctoridades locaes bem como os srs. governador civil e director das obras publicas de Braga e muitas outras pessoas.

A estação via-se profusamente ornamentada com bandeiras, escudetes, e festões de flôres, tocando alli duas musicas.

Lida uma felicitação pelo sr. presidente da camara de Famalicão, proseguiu a familia real na sua jornada, parando o comboyo em Arentim a pedido dos povos do sitio.

Um grande grupo de raparigas, com os seus garridos trajes minhotos, formavam alas, cobrindo de flôres as pessoas reaes. Uma das lavradeiras entregou a el-rei, em uma salva de prata, um papel em que faziam á rainha o pedido original de as abençoar.

Lançaram-se muitos foguetes, houve repetidos vivas e d'ahi a pouco a familia real era recebida em Braga com as mais extraordinarias demonstrações de jubilo.

Na gare via-se tudo o que a cidade conta de mais elevado, quer no funccionalismo, quer nas diversas classes sociaes.

Suas Magestades romperam a custo por entre a multidão compacta que a acclamava e dirigindo-se para uma das salas da estação, toda forrada de damasco carmezim, receberam ahi os cumprimentos, bem como as felicitações da camara da cidade, em uma allocução que lhe foi lida pelo respectivo presidente.

O cortejo poz-se em seguida em marcha, ladeando a carruagem real os bombeiros voluntarios e seguindo-a muito povo, que incessantemente victoriava os regios viajantes.

N'esse momento os sons de diversas musicas, o estralejar dos foguetes e os repiques dos sinos davam uma nota de infinita festa áquella entrada verdadeiramente triumphal.

As ruas, todas adornadas de bandeiras e outras decorações, apresentavam um aspecto brilhante, vendo-se as janellas com colchas de damasco e as frontarias de algumas casas ornamentadas a capricho.

Junto ao arco da Porta Nobre, que ostentava uma grande cortina de velludo carmezim franjada de ouro, estavam postados os bombeiros municipaes com a sua bandeira. Na rua Nova do Souza, quatro meninas vestidas de anjos, de pé sobre pedestaes, lançaram flôres, e mais acima outras creanças de familias distinctas, tambem sobre pedestaes e vestidas com trajes do Minho, faziam o mesmo.

O cortejo percorreu as ruas sob uma constante chuva de petalas arremessadas das janellas e no meio de palmas, bravos e acclamações indiscriptiveis, chegando ao Bom Jesus ao pôr do sol.

Ahi, esbeltas camponezas, tendo á sua frente o sr. Manuel Joaquim Gomes, entoavam canticos em honra dos reaes viajantes, que se dirigiram para o templo do Bom Jesus, onde foram recebidos debaixo do pallio, pelo sr. arcebispo de Braga, que em seguida celebrou um *Te-Deum*.

Terminada esta cerimonia, a familia real entrou no Grande Hotel, que havia sido preparado pelo seu proprietario o sr. Manuel Joaquim Gomes, para albergar tão illustres personagens, indo os sr. ministros e suas familias, bem como o sr. general Malaquias e outras pessoas hospedar-se no hotel Hygienico.

A' noite houve vistosas illuminações tanto em Braga como no Bom Jesus. Depois de jantar a familia real sahiu a presencear estas ultimas, mas teve de recolher pouco depois ao hotel, em consequencia da grande multidão que se atropelava em volta d'ella, dando vivas ao «rei popular», ao «anjo da caridade», ao principe da Beira e aos duques de Bragança.

As raparigas minhotas, postadas defronte do hotel, renovaram então as canções populares, com geral aprazimento de Suas Magestades e Altezas, e em seguida começou o lançamento de successivas girandolas de foguetes de bonito effeito.

Um dos foguetes feriu um homem de Palmeira, o que sendo sabido por el-rei, mandou visital-o pelo medico da casa real, informando-se depois diariamente do seu estado e correndo com as despezas do curativo.

O dia 5 passou-o a familia real na matta e a gosar os mais bellos pontos de vista que d'alli se presenceam, indo o principe real fazer alguns exercicios venatorios.

No dia 6 Suas Magestades e Altezas ouviram missa na egreja do Bom Jesus, celebrada, pelo sr. arcebispo primaz e depois do almoço houve recepção, que durou cerca de tres horas, comparecendo n'ella não só as auctoridades e corporações, como as pessoas mais gradas de Braga.

Tambem appareceram no fim as doze raparigas que no dia da chegada da familia real a tinham distrahido com os seus descantes, sendo cada uma d'ellas brindada pela sr.ª D. Maria Pia com um fio de contas e respectiva cruz, de ouro, no valor de 14$000 réis.

A's 3 horas da tarde as pessoas reas, excepto a princeza D. Amelia, dirigiram-se nos seus trens para Braga, onde visitaram a Sé, vendo as ricas alfaias e paramentos que alli existem, sendo acompanhadas n'esta visita pelo sr. arcebispo e pelo erudito archeologo o sr. dr. Pereira Caldas.

Ao regressarem ao Bom Jesus, subiram no elevador, não consentindo que sahissem as pessoas que já alli haviam tomado logar.

No seu transito por Braga, Suas Magestades e Altezas foram sempre saudadas pelo povo com o maior affecto.

A' noite houve jantar de festa, para celebrar as bodas de prata de Suas Magestades, sendo convidados para elle os ministros e suas familias, arcebispo e algumas das principaes auctoridades.

Suas Magestades receberam tanto do reino como do estrangeiro grande numero de felicitações, mandando el-rei distribuir 24 libras em esmolas de 500 e 1$000 réis pelos pobres, em commemoração d'aquelle fausto anniversario.

As illuminações repetiram-se tanto em Braga como no Bom Jesus.

No dia 7, ás 6 horas e meia da manhã, el-rei, acompanhado do principe real e do infante D. Affonso partiram de Braga para Lisboa, a fim de assistirem ás manobras militares, sendo tanto á sahida de Braga, como na sua passagem pelo

Porto, cumprimentados pelas auctoridades e outras pessoas.

A rainha andou a passeiar, de trem, pela cidade, sendo por toda a parte alvo das mais vivas demonstrações de affecto e respeito.

N'este dia deu-se uma manifestação, que foi muito commentada na imprensa, pelo caracter que assumiu.

O jornal miguelista *Commercio do Minho*, publicára no dia anterior, além de uma carta dirigida á princeza D. Amelia e assignada pelo redactor d'aquella folha, o sr. Albano Coelho, uma noticia a proposito da visita da familia real.

N'esses dous escriptos não só se atacavam da maneira mais insolita os monarchas portuguezes, como se lhes dirigiam os doestos mais insultuosos.

Os artigos não podiam deixar de causar profunda sensação na cidade, não só pela covardia do ataque, mas ainda pela escolha da occasião, e assim foi que ao entardecer começou a reunir-se um numeroso grupo de populares defronte da casa onde o jornal se imprime, no largo da Lapa, mostrando pela sua attitude pouco tranquilla, estar resolvido a fazer justiça por suas mãos.

Entrou então no predio o sr. Antonio José Pereira, presidente do Atheneu Commercial, acompanhado de alguns membros d'aquelle gremio e dirigindo-se ao sr. Albano Coelho, exigiu-lhe uma retratação formal dos escriptos que havia publicado.

O sr. Albano Coelho, atemorisado pelo aspecto da multidão e sem a coragem precisa para sustentar as suas opiniões, ou para arrostar com as consequencias da leviandade do seu procedimento, prestou-se a publicar um suplemento, que logo foi impresso e distribuido, em que se retratava do modo mais claro e terminante de tudo quanto havia escripto.

Como se isto não fosse já bastante, promptificou-se a apparecer á janella e a erguer vivas á familia real, á carta constitucional e aos habitantes de Braga!

A multidão ainda não satisfeita com esta reparação, trouxe para a praça os exemplares do numero que devia sahir no dia seguinte e queimou-os em apparatoso auto de fé.

Depois de tudo isto os populares levando á sua frente uma phylarmonica, percorreram as ruas erguendo clamorosos vivas. Ao mesmo tempo celebrava-se uma imponente reunião no Atheneu Commercial, discursando o presidente o sr. Antonio José Pereira e os srs. drs. João Mendonça, Carlos Braga, Cunha Vianna e Araujo Alvares, resolvendo-se repetir a publicação do suplemento que acabava de sahir, bem como fazer uma grande demonstração á familia real, tanto por occasião do regresso de el-rei, de Lisboa, como no anniversario natalicio de S. M. a rainha.

R.

AS NOSSAS GRAVURAS

O MAESTRO MANUEL INNOCENCIO LIBERATO DOS SANTOS

No dia 11 do corrente, pelas oito horas da manhã deixou de existir um dos artistas portuguezes de maior merecimento, Manuel Innocencio Liberato dos Santos, victima de uma pneumonia que o prostrou no leito e em poucos dias e depoz no tumulo.

Mais vigoroso que Santos Pinto, Casimiro Junior e outros artistas seus condiscipulos, Manuel Innocencio sobreviveu-lhes por longos annos e viu desapparecer para alem da campa esses inspirados da arte, que como elle deixaram obras musicaes de elevado apreço e que ainda hoje ouvimos resoar nos templos, em melodiosos hymnos á divindade.

Na epoca em que Manuel Innocencio fez a sua educação musical, a musica sacra tinha grande cultura, e por isso cultivou este genero em que produziu algumas obras distinctas, assim como na musica profana produziu duas operas: *Ines de Castro e L'assedio di Diu.*

Estas duas operas foram cantadas no theatro de S. Carlos, sendo a primeira em 1839, desempenhada por Claudia Ferlotti, Rosina Picco, Eckerlin e Ramonda; e a segunda em 1841, desempenhada por Luiza Boccabadati, Clara Delmastro, Domingos Conti, Felice Varezi e Eckerlin.

Manuel Innocencio, que nasceu em Lisboa a 23 de Agosto de 1802, recebeu as lições de fr. José Marques, e a sua vocação para a musica foi tão pronunciada que aos 14 annos de edade era já um musico distincto.

O orgão era então o seu instrumento favorito, e el-rei D. João VI tinha em grande apreço o joven artista e deleitava-se em o ouvir tocar.

Quando Manuel Innocencio contava vinte annos de idade, foi nomeado professor de musica das infantas D. Anna, D. Izabel Maria, D. Maria Thereza e D. Maria da Assumpção, e do principe D. Pedro e infante D. Miguel.

Sem se envolver nas questões politicas que agitaram aquella epoca, Manuel Innocencio conservou-se sempre um fiel servidor da casa real, que desde tão verdes annos o tomara sob a sua protecção.

Esta isenção do artista e o seu reconhecido merito valeram-lhe sempre a estima da familia real e, alem de ser nomeado por D. Maria II mestre da capella real, foi ainda encarregado da educação muzical de D. Pedro V, D. Luiz I, dos infantes D. Augusto, D. João e D. Fernando, e das infantas D. Maria Anna e D. Antonia.

Os hymnos de D. Pedro V, D. Fernando II e D. Luiz I foram compostos por Manuel Innocencio, o qual tambem compoz os Te-Deum que se cantaram por occasião das acclamações e casamentos dos reis D. Pedro V e D. Luiz I.

A apreciação das suas obras está de ha muito feita, e não cansaremos o leitor com repetições, alem do espaço nos faltar para essas minuciosidades.

O merito de Manuel Innocencio era geralmente reconhecido, e quer como compositor, quer como executante era um professor consumado. O piano era, depois do orgão, o seu instrumento predilecto, e poucos o tocavam com a mestria com que elle o tocava, desempenhando á primeira vista qualquer composição por mais difficil que fosse.

Quando ha poucos mezes esteve em Lisboa a sr.ª infanta D. Antonia, o octogenario maestro presenteou a sua antiga discipula com a muzica de uma *Ave Maria* que compoz expressamente para lhe offerecer.

Foi esta a sua ultima composição musical.

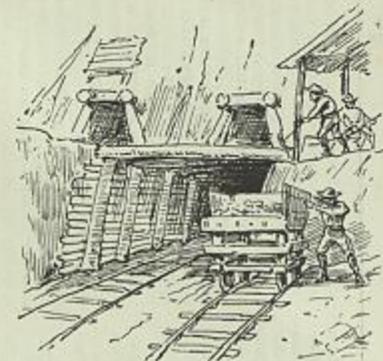
Manuel Innocencio tinha a commenda da Conceição, a de Christo e o grau de Cavalleiro de S. Thiago. Pio IX conferira-lhe, em tempo, o grau de cavalleiro de S. Gregorio.

Estas distincções foram justa recompensa dos seus altos merecimentos de artista talentoso e de cidadão prestante.

Que descance em paz.

EDIFICIO PRINCIPAL DA FABRICA DE FAIANÇAS DAS CALDAS DA RAINHA

(Desenho do natural por J. R. Christino)

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

A LINHA URBANA DE LISBOA — AS OBRAS DO GRANDE TUNNEL DO ROCIO

(Desenhos de J. R. Christino)

FABRICA DE FAIANÇAS DAS CALDAS DA RAINHA

São já bem conhecidos do publico os productos da nova fabrica de faianças das Caldas da Rainha, dirigida pelo notavel artista Raphael Bordallo Pinheiro, productos que Lisboa admirou, na exposição feita o anno passado, nas salas do «Commercio de Portugal» e que actualmente se acham expostos no deposito da mesma fabrica, na Avenida da Liberdade.

A antiga loiça das Caldas, tão preconisada pela sua originalidade, mas que deixava bastante a dezejar emquanto a belleza e arte, era susceptivel de se melhorar consideravelmente, de se transformar até, dando-lhe uma nova feição, em que a par da melhoria do fabrico, com respeito á sua pureza e finura, se lhe juntasse a arte e o bom gosto.

Pensou n'isto Bordallo Pinheiro, e para o conseguir, organisou uma sociedade por meio de acções com o capital de 100:000$000.

Esta sociedade achava-se organisada, em junho de 1884, sendo seu gerente o sr. Feliciano Bordallo Pinheiro, que logo partiu para o extrangeiro a adquirir machinas apropriadas para o fabrico das faianças e a estudar os differentes systemas de fornos, uma das coisas mais importantes para a fabricação.

Ao mesmo tempo principiava nas Caldas da Rainha a construcção do edificio para a fabrica, para o que se compraram por 2:000$000 uns terrenos ao sul da villa, e da extenção de 8 hectares.

Estes terrenos encerram importantes jazigos de argilla e tem agua abundante de um ribeiro que os atravessa.

A construcção e disposição da fabrica revelam logo o gosto que presidiu á obra. Aproveitou-se vantajosamente o accidentado dos terrenos, e construiu-se uma ponte rustica de 90 metros sobre o ribeiro que corta os referidos terrenos, para serventia da fabrica, cujo edificio principal se acha representado na nossa gravura.

Como se vê reuniu-se alli o util e o agradavel. Este edificio, de architectura japoneza, está assente no meio de um jardim arborisado, onde logo se veem vasos de producção da fabrica.

A construcção singela tem toda a elegancia e novidade que no nosso paiz offerece este genero de architectura, aliaz muito bem escolhido, tratando-se de uma fabrica de faianças, industria de que China é a productora por excellencia.

N'este edificio acham-se as officinas de loiça artistica e de modelação, havendo tambem a sala de exposição dos productos da fabrica.

As outras officinas destinadas ao fabrico da loiça commum, tijolos, telha e azulejos, assim como tres fornos ordinarios de tijolo, tres ditos typo portuguez para telha, azulejo, etc., e um grande forno systema Minton, acham-se dispostos n'uma area de 2:733 metros quadrados, ligando estas officinas uma linha ferrea de proximamente mil metros de extenção.

Todo o tijolo, telha e azulejo empregados n'estas construcções foram produzidos na propria fabrica, pelo que se póde calcular o grande alcance d'esta industria, que tanto produz a explendida loiça artistica com que nos encante, como o tijolo e telha de tão vasto consumo.

O desenvolvimento d'esta industria, uma das mais naturaes do paiz, é, pois, assaz promettedora para os capitaes n'ella empregados.

Por um accordo feito entre a empreza e o governo, vae ser estabelecido n'esta fabrica uma escola de ensino artistico, tendo junto uma outra de instrucção primaria para um determinado numero de alumnos.

Para isso foi dado pelo governo um subsidio, satisfazendo assim mais economicamente a necessidade de uma escola artistica nas Caldas da Rainha.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

A LINHA URBANA DE LISBOA

O que nos resta a dizer sobre os projectos d'esta linha que se acham em execução e para complemento do que sobre ella temos publicado, é simplesmente noticioso, e noticioso do futuro, porque os que hoje olham a frontaria d'aquelles antigos predios do largo do Camões, ou os que podessem entrar no recinto dos trabalhos no local dos antigos Recreios, nada percebem e nada perceberiam da disposição futura que será dada á nova estação central dos caminhos de ferro portuguezes.

Só com as plantas da estação á vista, como nos succede agora, graças á obsequiosa amabilidade do distincto engenheiro constructor, o nosso amigo sr. Candido Xavier Cordeiro, podemos dar uma idéa do que projecta ser a nova estação, para satisfazermos em parte a natural curiosidade dos que tiverem a paciencia de ler estes artigos.

Conforme é sabido a construcção do edificio de passageiros faz-se com a frente principal para o theatro de D. Maria, mas recuando 10 metros do alinhamento actual.

Este edificio compôr-se-ha de dois corpos rectangulares, tendo o outro a frente para o pateo do Duque do Cadaval.

O corpo principal tem lojas e dois pavimentos superiores.

A area que occupa é de 43,5 metros por 23.

O corpo lateral tem egual numero de pavimentos com 45 metros de frente por 19 de fundo.

No primeiro pavimento para o lado do largo haverá um espaçoso vestibulo de entrada de passageiros, ao fundo do qual, a direita, indo de fóra, se encontrarão os escriptorios e balcão de recepção de bagagens.

Ao fundo d'este despacho, no angulo, haverá dois ascensores para os volumes, no systhema vertical.

Ao lado esquerdo do vestibulo será, ao centro, a larga escada que conduz ao andar superior, ladeada por dois ascensores para passageiros e estes por duas bilheteiras.

O pavimento superior destina-se aos escriptorios do conselho de administração, sala de reunião, repartição, e outras dependencias do serviço da Companhia, havendo ao centro uma grande claraboia para lhes dar luz e ventilação.

É só no 2.º andar que os dois edificios se communicam, nos seus extremos, junto á frontaria do lado do pateo, como adiante veremos.

O corpo da frente é repartido em escriptorios do inspector, chefe do movimento, serviço medico, fiscalisação do governo (escriptorio para o agente) casas de descanço de machinistas e de conductores, do telegrapho, gabinete do chefe da estação, escriptorio para o director, e um espaçoso salão real.

O corpo do lado do pateo, no pavimento ao rez do chão, tem ao fundo um espaçoso vestibulo de bagagens (entrega das que chegam); á esquerda d'este o escriptorio para a alfandega e á direita a escada pela qual os passageiros descerão do 2.º andar.

Este serve em pequena parte para a sahida dos passageiros, os quaes, vindo dos comboios, entrarão n'uma sala no angulo do edificio e, seguirão a escada que os conduz ao rez do chão.

As bagagens baixam por um descensor.

Como acima dissémos, os passageiros que entram, passam n'este pavimento do corpo da frente do edificio para o lateral, onde se lhes abre um corredor da largura de 5 metros, para o qual communicam as salas, tendo ao fundo á direita duas bilheteiras.

Os passageiros que entrarem pelo lado da calçada do Duque, por onde tambem haverá communicação, penetram no edificio logo por este andar, e pelas portas em frente d'essas bilheteiras. Estes porém serão os passageiros sem bagagem porque os demais terão que ir pela entrada principal, para registrarem os seus volumes no despacho respectivo.

Haverá alem d'estas duas, tambem uma outra entrada na estação, que será pelo enorme restaurant que será construido na antiga galeria dos Recreios, onde era o restaurant Avenida e a cervejaria Jansen, parte que hoje pertence ao sr. Marquez da Fóz.

As sahidas são, como acabamos de ver, tambem vastas e faceis.

Os passageiros sem bagagem deixam o edificio pelas portas que communicarão para o lado da calçada do Duque; os demais sahem pelo pateo do Cadaval.

Descripto como fica o edificio de passageiros, occupar-nos-hemos da estação em geral, cuja construcção tambem offerece grande novidade na sua disposição.

L. de Mendonça e Costa.

O INFANTE D. HENRIQUE

(O GRANDE NAVEGADOR)

III

E, porque até á propria familia se impunha, que extraordinario valor moral não era o d'este homem singular que destruia o velho proloquio de que *ninguem é grande homem em sua casa!*

Entre os seus parentes era incontestavel a supremacia do infante, ali mesmo, fez sentir a sua missão excepcional. Seu sobrinho, el-rei D. Affonso v de Portugal, a quem a historia cognominou acertadamente de *o africano*, decretou, em 15 de septembro de 1448, que nenhuma frota ou *vella humilde* podesse navegar além do Bojador sem permissão do infante. Com o fim manifesto de que seu tio melhor lançasse as bases d'aquelle dominio que já no seculo xv nós começámos de possuir nos climas da zona torrida.

E era tão rigorosa a pena para o transgressor d'este real decreto, que importava áquelle a perda do navio e carga em favor dos bens e navegação do infante; mais decretou el-rei D. Affonso v que os navios com franquia de D. Henrique para navegar nas referidas paragens, fossem obrigados a pagar ao infante um quinto ou o dizimo de seu carregamento!

Dissemos que D. Henrique de Portugal conseguira o que raros engenhos conseguem: serem considerados na verdadeira craveira pelos de sua casa; vamos corroborar com outro facto.

Diogo Gomes, o velho marinheiro encanecido nas tormentas e em variados climas, sempre muito dedicado famulo do grande navegador, achando-se presente no doloroso momento da morte do infante, foi, encarregado por mandado d'el-rei, da guarda da capella ardente onde se depositaram os restos mortaes do austero D. Henrique até estes serem trasladados para o convento da Batalha.

Vamos dar na integra o documento em que um chronista da epocha transcreve a narrativa triste do marinheiro Diogo Gomes.

Revela-se ali a linguagem rude e pittoresca de Diogo Gomes com o caracteristico sabor da epocha.

Eis como o velho navegante contou o caso fatal do passamento d'esse iniciador arrojado das nossas glorias maritimas e o pesar d'el-rei e sua côrte:

«No anno de Nosso Senhor de 1460, o infante Dom Henrique foi atacado na sua villa, no cabo de S. Vicente, de doença, de que morreu em quinta feira 13 de novembro do mesmo anno. E na mesma noite em que falleceu, levaram-n'o para a igreja de Santa Maria de Lagos, onde foi sepultado com todas as honras. Estava então em Evora el-rei Dom Affonso, e elle mais todo o seu povo muito sentiram a morte de tão grande principe, considerando em todas as expedições por elle organisadas, e em todos os resultados que obtivera da terra de Guiné, assim como quanto havia consumido em continuos armamentos de guerra no mar contra os sarracenos pela causa da fé christã.

«No fim do anno el-rei Dom Affonso mandou-me chamar, porque, por mandado do mesmo senhor, me conservara constantemente em Lagos junto do corpo do infante, prestando a tudo quanto era necessario aos padres, a cargo dos quaes estavam as constantes vigilias e o serviço divino da igreja. E el-rei deu-me ordem de ver e examinar se o corpo do infante estava decomposto, porque desejava trasladar os seus restos para o bellissimo mosteiro chamado Santa Maria da Batalha, que seu pae el-rei Dom João I, mandara edificar para a ordem dos frades pregadores. Quando me cheguei ao corpo do defunto, achei-o secco e são, excepto a ponta do nariz, e vi-o vestido com uma camisa grosseira de clina de cavallo. Bem celébra a igreja: «Tu não permittirás que nenhum dos teus justos soffra corrupção» Que meu senhor o infante ficara virgem até a sua morte, e quaes e quantas cousas boas fizera durante a sua vida, seria para mim longo de relatar.

«El-rei publicou depois um mandado para que seu irmão Dom Fernando, duque de Beja, assim como os bispos e fidalgos fossem conduzir o corpo ao supradito mosteiro da Batalha, onde el-rei aguardaria a chegada d'elle.

«E o corpo do infante foi collocado em uma grande e bellissima capella, que el-rei Dom João, seu pae, mandára construir e onde jazem os corpos de el-rei e da rainha Dona Filippa sua mulher, mãe do infante, mais seus cinco irmãos, cuja memoria de todos é digna de louvor para todo sempre. Possam elles descançar em santa paz. Amen.»

Por esta narração de uma simplicidade primitiva se póde avaliar quanto o infante era querido, e que prestigio elle não exerceu! com a sua muita sciencia e com a austera honestidade do seu caracter, impondo-se assim aos seus parentes que o estimavam respeitosamente, por elle e pela consideração de que o povo o rodeiava, em epochas tão turbadas como as que mediaram de D. João I e D. Duarte I até D. Affonso v.

Mas que motivava uma tão geral admiração em sua propria vida?

Fôra mais *presentido* do que percebido o grandioso projecto de D. Henrique. E não se limitava este só a conquistar, ou ficar dominando, o sonho dourado d'esse homem que, no dizer de coêvos, fôra virgem até á morte de contacto de mulher, era muito mais levantado: o seu ideal, o grande sonho do seculo XV — chegar á India pelo *extremo sul* da Africa — era todo o seu anceio, constituia toda a sua gloriosa aspiração.

A escassez, como no começo d'este trabalho apontamos, dos conhecimentos maritimos, antes de surgir o grande *devaneador* que havia de realisar, praticamente, a mais sublime utopia em navegação — como então se considerava — era infinita: vivia-se no cahos!

O commercio estava nas mãos dos sectarios do propheta sarraceno, a navegação que elles sustentavam era a primitiva, timida, costeira ou de cabotagem.

Só por meio de morosas, arriscadas e incommodas viagens em compridas caravanas é que os mahometanos transportavam as mercadorias, faziam o commercio das sedas, tecidos, brocados e especiarias, desde o Mediterraneo até á India, desde os torridos plainos do norte de Africa até á gelada Astrakan.

Uma das estradas mais importantes era a que atravessava o *Grande Deserto*. Era por aqui que vinham: o ouro em pó, os escravos, o marfim, a seda, o setim, a pimenta, o cravo, todos os mordentes estimulantes do Oriente.

E as crusadas e continuas guerras, insistimos n'este ponto, que os dois povos da peninsula-luziberica entretinham com os mouros, não menos contribuia para nos incitar ás descobertas aventureiras no largo Oceano. Os arabes foram os que, por então, mais abarrotaram a peninsula de productos proprios ao rico e ao nobre.

Foi o seculo XV o que, por esta razão, trouxe maior brilho nos trajos e adornos donairosos com que as damas e guerreiros se exornavam nas côrtes d'aquella epocha.

As côrtes catholicas d'aquelle seculo cavalleiresco eram caudalosamente innundadas pelo luxo oriental no vestir, tanto em Sevilha, a garbosa, como em Granada, a patria de Boabdil, ainda semi-moura, onde está Alhambra, essa renda inimitavel da pedra!

Mas as repetidas, quasi consecutivas, querellas e encontros renhidos entre mouros e christãos difficultavam cada vez mais o trafico, as relações commerciaes entre a Europa e a Azia. O commercio da Europa, os reis do Occidente, com essas luctas sangrentas sentiam a falta d'esses tão desejados productos do Oriente; porque aquellas cada vez mais difficultavam os meios porque estes eram adquiridos.

Elles! que tão habituados estavam ás commodidades encantadoras d'esse luxo enervador da India, a terra dos emires e dos sultões, que lembrava as *Mil e uma noites* da lenda, mal se compadeciam com a ideia de o não fruir mais. D'ahi o applauso e incitamento das côrtes estrangeiras aos arrojados commettimentos dos portuguezes!

Depois, um facto veio ainda complicar mais essa desequilibrada situação: — o total desalojamento dos mouros na peninsula.

Tornava-se pois urgente uma nova passagem para a India.

Os olhos da velha Europa fitavam-se anciosos nos portuguezes, que tinham sido os mais persistentes na guerra implacavel movida ao mouro; e estes sentiam a obrigação moral de tomar a iniciativa para uma nova solução. Foi isto que necessariamente se passou no cerebro do nosso glorioso navegador; e por isso, elle, entendendo que a conquista de Ceuta seria o primeiro passo para o *desideratum* do seculo, poz hombros á empreza.

A particular situação de Portugal, as rendas avultadas da *casa do infante*, o grande espirito de D. Henrique, emprehendedor e ousado, o seu patriotico e glorioso objectivo, a sua inquebrantavel tenacidade, foram os agentes que levaram a cabo esta empreza de gigantes.

Attendendo no estado de indifferença criminosa a que hoje chegou o espirito publico nacional, mal se poderá comprehender o calor patriotico que então animava os homens do infante.

Querem vêr, n'um rapido parenthesis, a distancia a que hoje estamos dos grandes portuguezes?

É facil:

Tanto o genovez *Antonio de Nolli* como o francez *Jean de Bettencourt* pretenderam depreciar o merecimento dos navegantes de Portugal, apropriando-se de descobertas que só os nossos tinham feito. — Quem imaginam que veio á estacáda com dados positivos, de um inestimavel valor historico, destruir o que a sociedade de geographia de Paris, já nos nossos dias, affirmava com respeito á louca pretensão do seu platonico *descobridor* Bettencout?

Um inglez!!!

Mr. Richard Major no seu precioso livro *Life of Prince Henry of Portugal* reduz o almirante Roussin (1) a situação deveras pouco invejavel, e manda de presente aos genovezes o seu *precioso* Antonio de Nolli como cousa inaproveitavel!!

Em portuguez nada encontramos a tal respeito....

(Continúa). *Manuel Barradas.*

(1) Este almirante Roussin foi o mesmo que, no tempo de D. Miguel, bombardeou a torre de Belem!!!

Cremos que n'este dia, a raiva, se apossou de tal modo do autor da *Memoire sur la navigation aux côtes occidentales d'Afrique* — 1827 — , que não podendo este arranjar mais *Bettencourt* resolveu arrazar o monumento que attesta o completamento da obra do infante.

M. B.

UM CONTO

A temporada alegre das eiras estava a acabar.

Nas terras, macias das primeiras aguas, cavava regos fundos o velho carro, singelamente primitivo, do Manuel do Juncal, que levava para o palheiro a ultima carrada d'aquelle dia.

Depois, tomou por uma azinhaga ingreme, apertada entre muros enfarruscados, e embebida, a essa hora, em penumbras deliciosas. Por vezes, sentia-se o aro das rodas esfregar-se nas pedras escorregadias do caminho, e quando o carro descrevia suavemente curvas quasi imperceptiveis, a xalma feria arranhões fundos na codea terrosa e facilmente pulverisavel dos muros.

Ia-o seguindo o velho Manuel, com um ar triste e reflexivo, excepcional em homens do campo, os pollegares nas cavas do collete azul, de ganga. O filho, — aquelle judeu do Antonio, que pelas ceifas tinha feito o diabo, mettendo-se atrevidamente com as raparigas dos ceifeiros de fóra, vigorosas, muito queimadas do sol, — esse, vinha adiante dos bois, muito alegre nos seus quinze annos saudaveis, e voltava-se de vez em quando para animar o gado, fallando-lhe, e puxando pela sóga pendente dos chavelhos voltados para dentro.

Ao fim da azinhaga rasgava-se um caminho largo, entre vallados, e depois, havia um pequeno burgo, onde as casas tinham n'esse tempo, — ainda molhadas das ultimas chuvas, — o tom brancomate das perolas.

Quando passaram por ali, assomou a um postigo uma cara enrugada, que mal deixava advinhar o sexo do dono, apenas denunciado por um lenço de grandes ramagens amarellas em fundo azul escuro, que encobria os cabellos da estranha personagem.

— «Eh! ti' Man'el, não pense n'isso que é mentira!» —

— «Salve-a Deus, ti' Margarida. Respondeu o Manuel friamente, sem levantar os olhos.

A velha ficou a pensar n'aquelle caso imprevisto: — O Manuel, tão alegre e fallador, que onde elle estava não entrava a raposa, — só tivera para ella, n'aquella tarde, a primitiva saudação campesina, d'onde se evolam perfumes d'um bom viver antigo, que o campo está bem longe de realisar.

Evidentemente, andava ali mysterio, que era preciso pôr a descoberto. Senão, perderia ella o seu nome, ella, que se affirmára, vigorosamente, primeira chronista da terra.

Chegaram ao Juncal. Era uma casa alegre, muito caiada, que ficava no meio d'um quinteiro sombrio e fresco, onde na primavera se acoutavam alegres fanfarras de melros e pintasilgos, regado generosamente por um poço de cegonha, e abrigado das nortadas por um alto cannavial. Espreitavam d'entre as folhas, onde o outomno ia pondo largas manchas côr de ferrugem, as tintas vivas das maçãs e dos pecegos, lembrando a epiderme das raparigas, batida pela aragem fina da serra. Ao fundo, um pomar novo de tangerineiras, muito eguaes e donairosas, tinha verdes suaves, quasi irrealisaveis, que afinavam perfeitamente com a tonalidade escura do terreno, muito molhado das regas. Uma sebe negrejante, que ali por abril e maio se esmaltava de flores silvestres, e onde havia uma cancella tosca, feita de troncos secos, dividia o quinteiro do caminho dos mattos, e tinha defronte um pardieiro farrusco, de dois pavimentos: — o de cima dividia-se entre palheiro e celleiro; no de baixo, ficava a arribana.

Guardaram a palha. Depois, o Antonio foi mudar a cama ao gado, e o Manuel veiu sentar-se n'um cesto emborcado, quasi defronte da porta.

N'isto, a mulher chegou á janella para regar um craveiro que vegetava luxuriosamente n'uma panella velha, sustentada por uma lage saliente da parede, pouco abaixo do parapeito, — e vendo que os seus homens já estavam em casa, foi ter com o marido.

— «Que tens tu? A modo que andas triste...» —

— «Não ha remedio senão mandar o rapaz para Lisboa, para os estudos; depois vae para Coimbra... e até póde vir a ser das côrtes! O que *a gente temos* não é coisa nenhuma por'hi fóra, mas para isso, chega.» —

A idéa de ver o filho em posição elevada apagára no espirito do Manuel a impressão de tristeza que a lembrança da separação n'elle tinha posto, e quando pronunciava as ultimas palavras, o bom velho mal sabia esconder a sua alegria.

Rangeu o ferrolho da arribana, e depois o Manuel, disfarçando:

— «Diabo! O vento virou cá para baixo. Temos agua. Tão certo, como dois e dois serem quatro... E a palha anda na eira, quasi toda!... Esta, agora, só p'lo diacho!» —

O Antonio, que vinha de lá assobiando e quebrando em muitos bocadinhos uma hastesita secca, destrahidamente, voltou-se para o poente, onde se iam sobrepondo, em tumulto, nuvens pesadas, côr de zinco:

— «Isto não é nada. Se deitar alguma pinga, não ha de ser muito.» —

E depois, tranquillisador:

— «Isto são branduragens.» —

N'aquella noite, á ceia, ficou tudo decidido: — d'ali a quatro dias, — mal começava a luzir o buraco, — o Manuel e o filho *embarcavam* no comboio, segundo contaram em Lisboa, ao primo *brazileiro,* que era já visconde, a quem o rapaz ficou entregue.

* * *

Apagada a primeira impressão, a altivez inflexivel do Antonio affastava-o muito das aulas, — onde predominava o auctoritarismo antigo dos professores, — e de casa do primo, — onde apenas se dava por elle. Porque, emfim, o visconde esquecia-se muito do rapaz, e a priminha Elisa occupava-se imcomparavelmente mais dos seus vestidos, que do Antonio do Juncal, — no fim de contas, um saloio.

Só quando ia á terra, em setembro, o seu triumpho era decisivo: — nas caçadas, jornadeando longamente, para surprehender, de madrugada, as revoadas das perdizes ou as rollas nas suas passagens; — nos bailaricos, cantando ao desafio e roubando aos namorados o affecto das raparigas mais bonitas da aldeia, — tinha sempre uma posição dominante.

Mas, na terceira *villeggiatura*, ainda outubro vinha longe quando o encanto d'esses triumphos desappareceu diante das saudades de Lisboa. E não houve meio de o deter na terra, que não era já a *sua* terra. Comprehendi isto ao vel-o, uma noite, em casa do visconde.

Estava-se quasi no carnaval.

Os bailes *masqués* andavam já na imaginação das raparigas, — vagos, mal definidos, como a visão da virgem nos extases dos ascetas da edade media, ou como paizagens entrevistas pelos nevoeiros subtilisados, quasi imponderaveis, que se levantam da terra humida nas madrugadas de primavera, similhando pulverisações de prata fôsca.

Não havia S. Carlos, n'essa noite. Na sala azul onde o visconde tinha coisas d'arte, — quadros modernos, *faiences*, armas antigas, *bibelots* da India e do Japão, — a Elisa discutia calorosamente com o primo Luiz, — jornalista e quasi deputado, — a execução do *Mephistopheles,* n'essa epoca. A irmã, rapariga de dezesete annos, boa e formosa, que a Elisa queria fazer passar por uma verdadeira creança de sete, para affastar comparações, — reproduzia magistralmente no seu Erard um *nocturno* de Chopin, emtanto que o visconde, percorrendo a sala em diversas direcções, fixava de vez em quando as obras d'arte que ali se accumulavam, n'uma confusão procurada de epocas e estylos, — armaduras truncadas, severas e dominadoras, contrastando bruscamente com a delicadeza feminil de pequenas flores mimosas, que tinham disposição elegante na suave transparencia de velhos *Saxe*. — Contava mais uma vez, desconsoladamente, as sommas que ali empregára, só para fazer a vontade á Elisa.

Um vulto airoso destacou-se então do fundo

negro que a porta limitava na escuridão da outra sala. A fallar verdade era difficil reconhecer n'essa figura altiva o Antonio do Juncal, de tão mudado que elle estava. Um homem: — alto, elegante, esplendendo saude na sua mocidade vigorosa. Fallou a todos graciosamente, e depois, dirigindo-se á prima Elisa:

— «Li agora nas *Novidades* que se adivinha um carnaval brilhante. Surpresas, originalidades, muitos bailes...» —

E logo o Luiz, muito importante:

— «Quem se vê embaraçado, sou eu. Tenho de ver tudo para descrever.» —

— «Ora! Não vê e descreve. É muito simples. Accrescentou o Antonio, com uma ironia travêssa finamente escondida na mais evidente e imperturbada serenidade.

O primo Luiz, vendo que a sua reputação de homem espirituoso estava em perigo diante da critica implacavel do Antonio, viu as horas apressadamente, como de quem se lembrasse de repente d'uma coisa interessante e disse:

— «Sinceramente, não julgava que fosse tão tarde. E ainda tenho de escrever o artigo de fundo para amanhã... Vou-me embora.» —

E quando se despediu da prima Elisa, só para ella, muito energico:

— «Se fosse mais cedo, tinha respondido severamente ao priminho.» —

*
* *

Um dia, o Antonio escreveu ao pae, muito decidido:

— «Não quero continuar a estudar. Vou empregar-me no commercio.»

O Manuel, que estava muito velho e tinha receio de morrer longe do filho, pediu-lhe muito que fosse para a terra, *já que se queria tirar dos estudos.*

Porventura pela primeira vez, o Antonio pensou muito tempo na mesma coisa. Passaram então diante d'elle, — como personagens d'operas, ligeiramente indicadas nos longes d'um retrato de *maestro* celebre, — as figuras e as scenas dos seus primeiros quinze annos. Umas, poderosamente impressionistas; outras, vagamente esmaecidas para o campo onde as recordações da realidade quasi se confundem com idealisações, mas saudosas, todas.

Sobre tudo, lembrou-se muito da Carlota do Choupal, que elle tinha namorado quando eram quasi creanças, e andavam juntos nas mondas e nas vindimas. Devia estar uma mulher bonita.

E surprehendeu-se a ter saudades da terra.

No outro dia, logo de manhã, foi a casa do primo, leu-lhe a carta do pae, e disse que tinha decidido condescender com elle. O visconde, muito prudente, não deu a sua opinião. Fizesse o que quizesse.

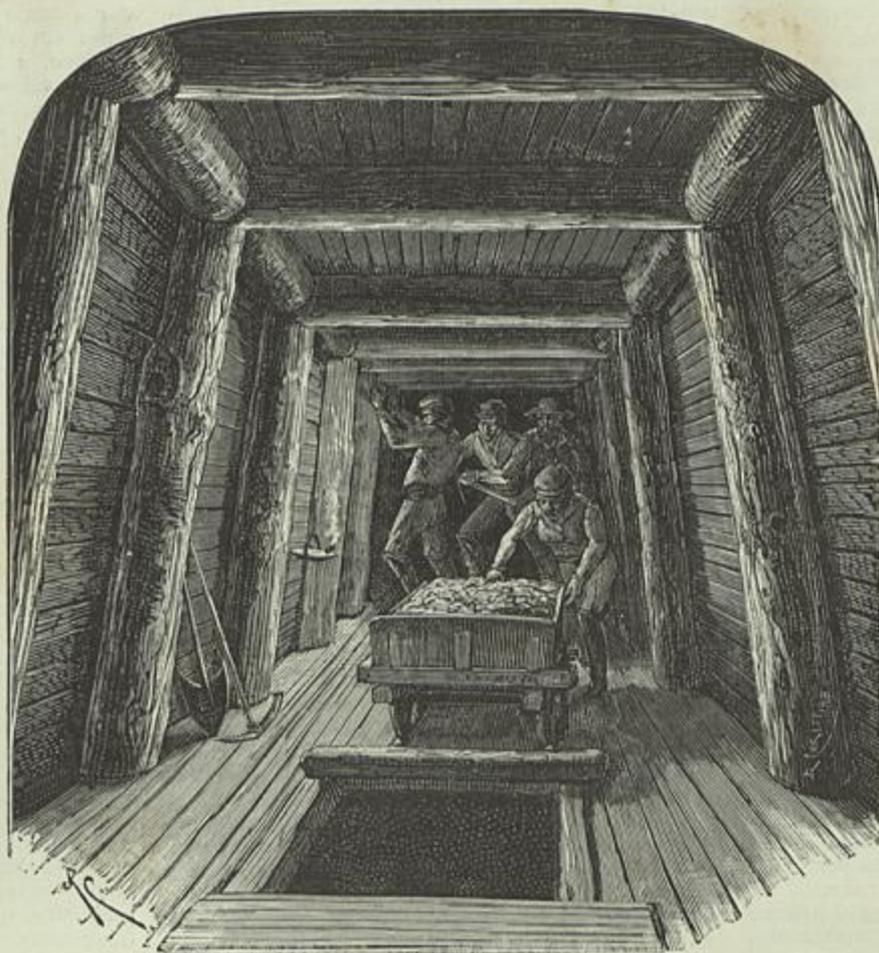
Foi.

*
* *

Quando chegou á terra, por uma bonita manhã de inverno, estava o pae a sachar milho, n'um *terço* que tinha á beira do caminho. Pouco lhe faltou para morrer d'alegria, ao ver o filho, e o mesmo esteve para acontecer á pobre mãe, que só o via d'anno a anno, e isso mesmo era por poucos dias, sempre de fugida.

Mas os rapazes da terra não ficaram nada contentes com a vinda do Antonio: — as raparigas, depois de o verem, não queriam saber mais dos antigos namorados! Só a Carlota, impressionada pela aventurosa inconstancia do rapaz, lhe fugia sempre e se mostrara fria, escondendo o seu affecto. Deus sabe quanto lhe custou dissimular! Palavra, que ella merecia bem uma funda dedicação, ideal e respeitosa. Se merecia!

Ninguem lhe tinha conhecido namoros e todos sabiam por que motivo ella fugia sempre á alegria desenvolta dos bailaricos e ao affecto grosseiramente expansivo dos rapazes da terra.

Quando passava, muito séria, monologavam:

— «Se ella quizesse, não era o filho da minha mãe que ficava nem mais um dia solteiro. Com aquella, sim! Amiga de dar *orde* á vida, e mulher para ajudar um *home*, como não ha outra umas poucas de leguas em redondo. Mas o diacho da rapariga anda lá com a idéa n'aquelle doidivanas do Antonio... — Mil raios...» —

E depois, com um sorriso de esperança:

— «Com esse...» —

Uma vez, o pae da Carlota, que era só quem ella tinha, caiu doente. A dedicação da filha foi inexcedivel e todos elogiaram sinceramente a affectuosa Carlotinha. Só a tia Margarida, — lembram-se? — teve coragem de fallar em segundo sentido. Mas logo todos, ameaçadores: — Que se callasse, bruxa d'uma figa! Senão...

O Antonio, que era bom, teve pela Carlota uma admiração profunda, e mais d'uma vez disse para si:

— «Aquella rapariga é uma joia que póde ser minha, se eu quizer, e que não hei de perder.» —

E muito dominador, fazia protestos de emendar-se.

Quando teve noticia da morte do pobre trabalhador, correu logo a casa d'elle, e como era á bocca da noite e a porta estava aberta, entrou sem a Carlota dar por elle.

Curvada sobre o esquife, a desventurada rapariga chorava bem amargamente, escondendo a cara nas mãos.

Depois, pareceu menos agitada, e d'ali a pouco, n'um tom feito de angustia e desolação:

— «Já não tenho ninguem.» —

O Antonio acercou-se d'ella irresistivelmente, tomou-lhe as mãos, e disse com doçura:

— «Tem-me a mim e a meus paes... Quer?» —

Ella, deu-se uma attitude de susto, e depois, com um sorriso indefinivel, em que a tristeza e a alegria se fundiam n'uma synthese incomprehensivel, — quasi divina e quasi irreverente, — respondeu:

— «Quero!» —

Quando voltei áquellas terras, — um anno, quasi, depois d'isto, — a filha do meu caseiro contou-me logo que o Antonio era agora mais doido do que nunca fôra e estava sempre cá para Lisboa.

E accrescentou, explicativamente:

— «O senhor bem sabe: o que o berço dá...» —

Pobre Carlota!

José Pessanha.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

A LINHA URBANA DE LISBOA

INTERIOR DO GRANDE TUNNEL DO ROCIO, EM CONSTRUCÇÃO

(Desenho de J. R. Christino)

RESENHA NOTICIOSA

QUEDA DO MINISTERIO EM FRANÇA. Em virtude de uma votação da camara contraria ao governo e de uma interpelação do sr. Clemenceau, o ministerio francez depoz as pastas nas mãos do presidente da Republica. A situação é bastante confusa e a agitação dos espiritos é grande.

UM AMADOR DE BELLAS ARTES. Na visita que ultimamente fez a Lisboa o sr. dr. Francisco Eduardo de Barahona Fragoso, filho dos srs. condes da Esperança, percorreu, em companhia do sr. Luiz da Costa, proprietario do magnifico bazar da rua do Alecrim, os *ateliers* dos principaes artistas pintores e esculptores de Lisboa, adquirindo algumas obras dos artistas para a sua galeria particular em Evora, que está enriquecendo notavelmente. É digno de todo o elogio o sr. Barahona por não se ter esquecido dos artistas nacionaes, em geral tão pouco apreciados pelos seus conterraneos.

RAMALHO ORTIGÃO NO BRAZIL. O distincto escriptor Ramalho Ortigão tem sido, no Brazil, alvo das mais significativas demonstrações de apreço ao seu elevado talento. Entre essas demonstrações, que por toda a parte o tem acclamado, teve logar um banquete, que a redacção da *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro lhe offereceu, em casa do sr. dr. Ferreira de Araujo, onde se reuniram, além dos redactores da *Gazeta*, representantes de outros jornaes do Brazil, em homenagem ao nosso illustre compatriota.

MENSÃO HONROSA. O sr. Joel da Silva Pereira, que está em Paris estudando architectura, obteve uma mensão honrosa, na Escola de Bellas-Artes, no curso de geometria analytica, trignometria, mecanica, etc.

NOVA OPERA PORTUGUEZA. O maestro portuguez Miguel Angelo vae escrever uma opera, cujo libretto será extrahido do drama *Camões* do sr. Cypriano Jardim, que foi representado no theatro de D. Maria II por occasião do tri-centenario de Camões.

TYP. CASTRO IRMÃO — Rua da Cruz de Pau 31 — Lisboa